

Unidade Curricular

Diversidade linguística e cultural

Material de apoio à
ação docente



**SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO E ESPORTES**

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Secretário de Educação e Esportes

Marcelo Andrade Bezerra Barros

Secretário Executivo Planejamento e Coordenação

Leonardo Ângelo de Souza Santos

Secretária Executiva do Desenvolvimento da Educação

Ana Coelho Vieira Selva

Secretária Executiva de Educação Profissional e Integral

Maria de Araújo Medeiros

Secretário Executivo de Administração e Finanças

Alamartine Ferreira de Carvalho

Secretário Executivo de Gestão da Rede

João Carlos Cintra Charamba

Secretário Executivo de Esportes

Diego Porto Perez



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Equipe de elaboração

Roberta Maria da Silva Muniz
Silvia Leon Ramos Martins

Equipe de coordenação

Alison Fagner de Souza e Silva
Chefe da Unidade do Ensino Médio (GEPEN/SEDE)

Durval Paulo Gomes Júnior
Assessor Pedagógico (SEDE/SEE-PE)

Revisão

Andreza Shirlene Figueiredo de Souza
Rosimere Pereira de Albuquerque



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Sumário

1. Apresentação	5
2. Diversidade Linguística e Cultural	8
Orientações para realização de atividades	12
Orientações para a Avaliação	13
3. Diversidade cultural e variação linguística do inglês e do espanhol	14
Orientações para realização de atividades	25
Orientações para a Avaliação	26
4. Variedade linguística: formas e contextos	27
Orientações para realização de atividades	34
Orientações para a Avaliação	34
5. Referências bibliográficas	35



“Quanto mais convivemos com a diversidade cultural de toda ordem, mais nosso repertório interno se aprimora e nossa visão se amplia, resultando assim a desmistificação da destituição do poder de preconceitos”.

Carlos Alberto Hang

I. Apresentação

Prezado/a professor/a.

A *Unidade Curricular Diversidade Linguística e Cultural* está presente no Novo Currículo do Ensino Médio da Rede Estadual de Educação de Pernambuco e está destinada aos estudantes do 2º ano do Ensino Médio, fundamentada na Portaria nº 1.432/2018, que orienta a elaboração dos Itinerários Formativos.

Ela será vivenciada nas Trilhas **Línguas e Culturas de Mundo e Diversidade Cultural e Territórios**. E conta com duas habilidades específicas como parâmetro para a efetivação dos objetivos para o estudo. São elas:

Investigação científica - (EMIFLGG01) - Investigar e analisar a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais, entre outras), situando-os no contexto de um ou mais campos de atuação social.

Investigação científica - (EMIFLGG02) - Levantar e testar hipóteses sobre a mobilização de conhecimentos relacionados à variedade linguística e os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, entre outras), considerando as situações comunicativas.



A respeito das habilidades, já mostradas, elas condizem, sobretudo, por tratar de aspectos variados na vida de diferentes povos e, por conseguinte, diversas culturas. Apesar de diversas versões e aspectos relacionados à valorização do conhecimento, em geral, a *Unidade Curricular Diversidade Linguística e Cultural*, a partir do princípio norteador da **Investigação científica**, objetiva a aprendizagem através da estratégia escolhida pelo professor.

Esta Unidade Curricular, apresenta uma ementa que propõe acolher a vivência de cada povo no percurso atemporal formativo de variadas culturas em vistas a realização de distintos saberes, do imaginário de diferentes pensamentos e visões, do respeito e do (re)conhecimento para a superação de conflitos pertencentes a cada povo tanto de língua inglesa quanto de língua espanhola e suas dimensões culturais.

Eis, a seguir, a **Ementa**:

Investigação e análise das diferentes formas (falar, escrever, ouvir, ler, ver) em uma Língua Estrangeira (LE), considerando os aspectos regionais, sociais, a geração/idade dos falantes, entre outros. Mobilização de conhecimentos relacionados à variedade linguística (pronúncias, gírias, estruturas linguísticas, expressões idiomáticas, entre outros), identificando situações marcadas por afastamento ou aproximação com a cultura local. Promoção de situações comunicativas que envolvam as diferentes formas de falar e seus contextos de uso e produção de maneira dialógica, visando combater o preconceito linguístico.

A mediação, através do enxergar povos, culturas e suas singularidades nas narrativas de atemporalidade do ser humano, faz-se ajudar a compreender suas histórias e seus porquês no engajamento com a sociedade, mas também, permite o engajar-se nas resoluções de interesses coletivos e na defesa de causas para superação em prol de interesses comuns.



Em Pernambuco, a *Unidade Curricular Diversidade Linguística e Cultural*, foi elaborada a partir da construção coletiva com os/as professores/as em Seminários Regionais e Estadual realizados em 2020, almejando promover uma discussão acerca do desenvolvimento e do aprofundamento do pensamento e do conhecimento científico, de forma a contribuir para uma postura investigativa, reflexiva e criativa.

A leitura deste material pode ser o início de um planejamento para novas fontes de estudo e de pesquisa que forem necessárias. Dessa forma, espera-se despertar nos estudantes o interesse e a motivação deles, além da inquietação como mola propulsora para os desafios dos alunos convergirem em caminhos de soluções no cotidiano deles com responsabilidade também científica.

Por fim, é muito importante que os estudantes tenham conhecimento da *variedade linguística e cultural* nas línguas em estudo: *inglês e/ou espanhol*, – obviamente já com grande conhecimento na *língua portuguesa* ou, a partir deste estudo, amadurecer ainda mais a nossa língua materna.

Somente desta forma, os discentes podem perceber como se processa o *fenômeno da linguagem* e, assim, eles evitarão o *preconceito linguístico* em quaisquer *línguas e culturas* dos idiomas que venham a se deparar para compreender as *línguas estrangeiras* e seus contextos de utilizações, cuja *aproximação da linguagem em reais situações comunicativas e suas diferentes formas de usos* estejam conforme a *adequação linguística* perante as necessidades com fim em novas fontes de estudo e de pesquisa. Assim, também o é com a Língua Portuguesa.



2. *Diversidade Linguística e Cultural*

Qual a relação entre língua e cultura?

A presença da *Diversidade Linguística e Cultural*, enquanto unidade curricular, ratifica o compromisso de um currículo que tem em seu bojo a proposta de um processo de ensino e aprendizagem com foco na formação integral, na compreensão da diversidade e das diferentes culturas. Desse modo, o Currículo de Pernambuco se conforma como possibilidade de:

[...] integrar a dimensão humana aos requisitos necessários para a vida em sociedade, buscando ofertar uma formação integral aos sujeitos do processo educativo, possibilitando aos estudantes e professores compreenderem diferentes dimensões da vida e do ser social. (PERNAMBUCO, 2021, p. 18)

Isso implica considerar a diversidade como uma forma de possibilitar práticas transformadoras a partir da reflexão e, sobretudo de ações, que tem como princípio basilar o respeito às diferenças culturais e linguísticas. E para isso, o estudo de idiomas na escola deve ser explorado para além do foco na escrita. Sobre essa prática, Martins (2016) destaca:

A práxis da sala de aula de língua estrangeira deve estar comprometida, além de com o ensino gramatical e linguístico, com o ensino intercultural, no desenvolvimento das habilidades citadas, as quais permitirão ao aluno o crescimento não só intelectual, mas interpessoal como cidadão do mundo. (2016, p. 200)

O respeito às diversidades culturais foi o impulsionador para que a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) publicasse, em 2002, a [Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural](#). Para além dos princípios elencados pelo documento da Unesco, o conceito de cultura, segundo



(Brawerman-Albini; Medeiros, 2013), está muito próximo de aspectos que identificam o ser social, mais especificamente o grupo social no qual ele está inserido. E essas marcas coletivas estão presentes nas mais variadas formas de perceber e de se relacionar com o mundo.

A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (BRAWERMAN-ALBINI; MEDEIROS, 2013, p. 10)

O QUE É CULTURA

Cultura e língua são elementos inseparáveis, mas nem sempre se tem a noção da relação existente entre elas, pois parecem fazer parte da natureza ou da essência do ser humano, como qualquer função vital. De fato, sabe-se que o ser humano é um ser social, que precisa compartilhar conhecimentos para poder desenvolver-se. E para viver em sociedade é necessário partilhar também de uma língua, de forma que seja possível estabelecer uma comunicação entre os indivíduos. Quando esses sujeitos se identificam por meio da língua e reconhecem as similaridades na forma de perceber e produzir significados das coisas do mundo, eles também moldam uma cultura.

Portanto, é impossível pensar em cultura e não fazer a ligação com a língua. No momento em que indivíduos de culturas distintas estabelecem contato, tem-se o que se denomina de interculturalidade. Essa interação deve acontecer de forma horizontal, ou seja, compreendendo que não existe cultura melhor ou pior, mas simplesmente diferente. Com esse entendimento, a comunicação entre os sujeitos



ocorrerá baseada no respeito, na negociação e na tolerância, tendo como premissa, a igualdade de direitos.

(LAGO, LOPES; PALLU, 2017)

No que tange ao estudo das diversidades linguísticas, o reconhecimento dessa diversidade é uma atitude importante, pois:

Mais do que um simples instrumento, a língua é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e de conhecimento. Ela nos torna singulares no reino animal, na medida em que nos permite cooperar intencionalmente, e não apenas por instinto. Mais do que um comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 14)

Quanto à variação, Marcos Bagno (2007) assinala que é um conceito estritamente relacionado à concepção de língua numa dimensão social. Nas palavras do estudioso, a língua é concebida como “um substantivo coletivo”. Nesse sentido, “dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea” (BAGNO, 2007, p. 39).

Desse modo, compreendemos que enquanto elemento aprendido pelo ser humano, a língua tornou-se um instrumento de socialização, utilizado a todo momento, ao longo de nossas vidas. Mais que isso, ela também permite a construção de uma identidade social.

Língua, Identidade e Cultura: uma relação de interdependência

A relação entre língua, identidade e cultura é imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade é construída por meio desta e da cultura, conforme esclarece Chauí (2006, p. 156): > Há um vaivém contínuo entre as palavras e as



coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade (as coisas, os fatos, as pessoas, as instituições sociais, políticas, culturais), o pensamento (as idéias ou conceitos como significações) e a linguagem (as palavras, os significantes) são inseparáveis, suscitam uns aos outros, referem-se uns aos outros e interpretam-se uns aos outros. <

Podemos concluir disso que a língua existe antes de nós e, certamente, continuará existindo depois de nós. Nós a encontramos formada e em funcionamento, pronta para ser usada, daí seu caráter social. Somos incluídos nesse sistema, utilizamo-lo para nossas interações comunicativas, e sabemos que ele persistirá depois de nossa morte. Ela se configura como produto cultural e histórico, e é utilizada para representar, de forma oral ou escrita, nossos pensamentos, sentimentos, sensações, emoções e percepções. Ela é, portanto, fundamental para compreendermos a identidade de um povo num determinado contexto social. A língua, assim como a identidade e a cultura, também sofre transformações, por inserir-se na teia das relações sociais. Frente às mudanças que atingem vertiginosamente a sociedade em todos os setores, ela não poderia isentar-se desse movimento.

Ela faz parte da cultura de um povo, haja vista pertencer a este povo. O indivíduo não cria a língua, ele apenas faz uso de um bem que é social. É uma relação de imbricação, haja vista que a língua é a manifestação de uma cultura e, ao mesmo tempo, precisa de uma cultura que lhe dê suporte, sendo, também suporte para uma cultura. Ela é, portanto, a expressão da cultura, uma vez que se constitui como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, afinal, as experiências sociais só são transmitidas por meio da língua.



A escola tem um papel fundamental de desmistificar a concepção de que a língua tem uma função única de comunicação. Portanto, esta Unidade Curricular tem como proposta, propor uma identificação social também por meio do uso da língua como aspecto essencial na constituição social e cultural do sujeito. Respeitando e acolhendo as diversidades linguísticas e culturais.

Orientações para realização de atividades

Entre as diversas possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas com os estudantes, o professor pode propor, a princípio, que os discentes leiam a [Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural](#), da Unesco. Em seguida, os estudantes podem destacar o que consideram mais importante dentro dessa declaração, organizar um mural (digital ou físico) e disponibilizar para os colegas da sala ou de outras salas.

Além disso, considerando os eixos estruturantes, o docente pode propor aos estudantes que iniciem a sua trilha de “pesquisa” em dois momentos. No primeiro momento, pode-se fazer um levantamento sobre a diversidade cultural do Brasil. O site do [Ipea](#) pode ajudar neste processo como fonte de dados para a pesquisa. Em um segundo momento, repetir o processo, mas tendo a língua estrangeira em questão como foco da pesquisa. E não esquecer de pedir que os estudantes façam registros de todo o passo a passo. Esse registro pode ser feito em um diário de bordo ou em um mural (digital ou físico) que deverá ficar sempre exposto. Durante todo o processo, é importante que o estudante perceba que a diversidade cultural, além de Unidade Curricular e conceito, também é um tema transversal. Assim sendo, o repertório em língua estrangeira pode ser ampliado se for articulado a



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

outra(s) área(s) do conhecimento como, por exemplo, Ciências Humanas Sociais e Aplicadas.

Além do site do IPEA, outras fontes podem ser consultadas. E não esquecer de explicar que as fontes de pesquisas devem ser de confiança: livros físicos, revistas ou sites.

Orientações para a Avaliação

A avaliação pode ser feita, observando se os estudantes se disponibilizam a participar e elaborar as atividades propostas. O professor também pode propor um momento de autoavaliação entre os estudantes. E esse percurso também será acompanhado pelo professor.



3. Diversidade cultural e variação linguística do inglês e do espanhol

Como vimos anteriormente, a língua está ligada diretamente à vivência cultural de um povo. Nesta etapa da Unidade Curricular, as línguas estrangeiras serão as mais exploradas no quesito **variação linguística**. Perceptivelmente, é constatado que existem múltiplas associações de variações linguísticas praticamente em todas as línguas. É um fenômeno natural da linguagem, pois é parte presumivelmente do tempo histórico de gerações de falantes de línguas e as peculiares mudanças natas de seus usuários de outrora, de agora e do porvir.

Se uma língua é considerada viva, é porque ela sofre e sofreu inúmeras modificações, constituídas, portanto, de constantes fenômenos de variações linguísticas. Assim, são as línguas e suas transformações junto ao povo provoca as mudanças de paradigmas da sociedade em cada época em que se encontram os falantes de uma comunidade.

Todos nós falamos uma variedade linguística de um idioma. A variedade que falamos tem a ver com escolhas que fazemos e com um estilo que é resultado da região em que vivemos, da profissão que exercemos, da idade que temos, dos diferentes grupos sociais aos quais pertencemos etc.

(ALBERTI, 2018)

Os estudos de variações linguísticas mostram significativas representações que acontecem na fala, na escrita – advindas da história social e obviamente também cultural das línguas –, além de suas conceituais mudanças gramaticais em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, estilísticos.

A **variação linguística como fenômeno de linguagem** envolve vários processos. São eles: **Histórico** – como a língua evolui; **Social** – relacionados à



idade, ao sexo, à classe social, a grupos sociais; **Regional** – informações características diferenciadas em locais cujas palavras na comunicação querem dizer a mesma coisa, mas o léxico é distinto; e, de **Estilo** – situações de uso da língua, podendo ser formal e informal, padrão e não padrão, coloquial e, por fim, culta e não culta.

O **comportamento linguístico** dos falantes, seja ele na escrita ou na fala é um dos objetos de estudo da **sociolinguística** que, com a ajuda de outras áreas de conhecimentos afins, fornecem meios de analisar e compreender o **fenômeno linguístico**, para assim evitar conflitos de **intolerância linguística**.

Assim são as línguas, as culturas, as pessoas. Se são diferentes as suas formações também o são diante das sociedades nas quais se encontram. As variedades nos idiomas demonstram os fenômenos naturais de variações linguísticas que existem em cada um deles – desde a sua origem e formação até às mudanças de paradigmas em que se encontram os falantes de línguas e suas culturas imbricadas no modo de pensar de um povo e suas identidades.

A língua portuguesa falada no Brasil é uma língua marcada pela contribuição das culturas indígena, africana, europeia, entre outras.

E o que dizer da língua inglesa e de todos os países que falam esse idioma que sofrem a influência dos falantes de toda parte do mundo, inclusive, com os empréstimos linguísticos que também recebem? E também essa língua franca universal - o Inglês - que marca os países e seus mundos com as influências do idioma de Shakespeare que recebem os falantes de países de todas as línguas?

Quanto à língua espanhola e seus países falantes do idioma de Cervantes, com todas as miscelâneas de línguas que tanto enriquecem os usuários da língua em questão, o que podemos estudar?



Variação linguística na língua inglesa

Muitos outros países falam o idioma inglês como primeira língua e também como segunda língua, além de ser o principal idioma para a comunicação em quase todos os países do mundo (turismo e negócios, especialmente), senão o principal idioma de acesso de intercambiabilidade.

As diferenças entre o *British* e o *American* são principalmente de pronúncia. Também encontramos algumas diferenças de vocabulário e pequenas diferenças na ortografia e na gramática. É difícil, entretanto, se alcançar conclusões definitivas sobre as diferenças porque a questão é mais complexa do que parece.

Inglês britânico ou inglês americano: qual é mais popular? Sem dúvidas, o inglês falado nos Estados Unidos é predominante em relação ao falado no Reino Unido. Isso não significa que uma variedade é mais correta do que a outra.

O inglês norte-americano é o que as pessoas nos EUA e Canadá falam. O inglês britânico padrão é falado no Reino Unido. Esses são os dois tipos mais comuns de inglês usados na sala de aula de ESL.

SCHÜTZ, Ricardo E. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-usxuk.html#:~:text=Às%20diferen%C3%A7as%20entre%20o%20British,mais%20complexa%20do%20que%20parece.>

Abaixo, um pequeno resumo sobre a história da formação da língua inglesa.

História da Língua Inglesa

A Língua Inglesa é fruto de uma história complexa e enraizada num passado muito distante.

Há indícios de presença humana nas ilhas britânicas já antes da última era do gelo, quando as mesmas ainda não haviam se separado do continente europeu e antes dos oceanos formarem o Canal da Mancha. Esse recente fenômeno geológico que separou as ilhas britânicas do continente, ocorrido há cerca de 7.000 anos, também isolou os povos que lá viviam dos conturbados movimentos e do obscurantismo que caracterizaram os primórdios da Idade Média na Europa.



Sítios arqueológicos evidenciam que as terras úmidas que os romanos vieram a denominar de Britannia já abrigavam uma próspera cultura há 8.000 anos, embora pouco se saiba a respeito.

OS CELTAS - a história da Inglaterra inicia com os celtas. Por volta de 1.000 a.C., depois de muitas migrações, vários dialetos das línguas indo-europeias tornam-se grupos de línguas distintos, sendo um desses grupos o celta. Os celtas se originaram presumivelmente de populações que já habitavam a Europa na Idade do Bronze. Durante cerca de oito (8) séculos, de 700 a.C. a 100 d.C., o povo celta habitou as regiões hoje conhecidas como Espanha, França, Alemanha e Inglaterra. O celta chegou a ser o principal grupo de línguas na Europa, antes de acabarem os povos celtas quase que totalmente assimilados pelo Império Romano.

A PRESENÇA ROMANA - em 55 e 54 a.C. ocorrem as primeiras invasões romanas de reconhecimento, sob o comando pessoal de Júlio César. Em 44 d.C., à época do Imperador Claudius, ocorre a terceira invasão, quando então a principal ilha britânica é anexada ao Império Romano até os limites com a Caledônia (atual Escócia) e o latim começa a exercer influência na cultura celta-bretã. Três séculos e meio de presença das legiões romanas e seus mercadores, trouxeram profunda influência na estrutura econômica, política e social das tribos celtas que habitavam a Grã Bretanha. Palavras latinas, naturalmente, passaram a ser usadas para muitos dos novos conceitos resultantes das transformações sociais.

OS ANGLO-SAXÕES - devido às dificuldades em Roma enfrentadas pelo Império, as legiões romanas, em 410 d.C., se retiram da Britannia, deixando seus habitantes celtas à mercê de tribos inimigas do norte (Scots e Picts). Uma vez que Roma já não dispunha de forças militares para defendê-los, os celtas, em 449 A.D., recorrem às tribos germânicas (Jutes, Angles, Saxons e Frisians) para obter ajuda. Estes, entretanto, de forma oportunista, acabam tornando-se invasores, estabelecendo-se nas áreas mais férteis do sudeste da Grã-Bretanha, destruindo vilas e massacrando a população local. Os celtas-bretões sobreviventes refugiam-se no oeste. Prova da violência e do descaso dos invasores pela cultura local é o fato de que quase não ficaram traços da língua celta no inglês. São os dialetos germânicos falados pelos anglos e pelos saxões que vão dar origem ao inglês. A palavra England, por exemplo, originou-se de Angle-land (terra dos anglos). A partir daí, a história da língua inglesa é dividida em três períodos: Old English, Middle English e Modern English. A segunda metade do século V, quando ocorreram as invasões germânicas, marca o início do período denominado Old English.

INTRODUÇÃO DO CRISTIANISMO - em 432 d.C., St. Patrick inicia sua missão de levar o cristianismo à população celta da Irlanda. Em 597 d.C., ao tempo do Papa Gregório, a Igreja manda missionários para converter os anglo-saxões ao cristianismo. O processo de cristianização ocorre gradualmente, marcando o início



da influência do latim sobre a língua germânica dos anglos-saxões, origem do inglês moderno. Esta influência ocorre de duas formas: introdução de vocabulário novo referente a religião e adaptação do vocabulário anglo-saxão para cobrir novas áreas de significado. A necessidade de reprodução de textos bíblicos representa também o início da literatura inglesa. A introdução do cristianismo representou também a rejeição de elementos da cultura celta e associação dos mesmos à bruxaria. A observação ainda hoje de Halloween na noite de 31 de outubro é exemplo remanescente de cultura celta na visão do cristianismo. Àquele período, a Inglaterra encontra-se dividida em sete reinos anglo-saxões e o Old English, então falado, na verdade não era uma única língua, mas sim uma variedade de diferentes dialetos. Os dialetos do inglês antigo de antes do cristianismo eram línguas funcionais para descrever fatos concretos e atender necessidades de comunicação diária. O vocabulário de origem greco-latina introduzido pela cristianização expandiu a linguagem anglo-saxônica na direção de conceitos abstratos. Ao final do século 8, iniciam os ataques dos Vikings contra a Inglaterra. Originários da Escandinávia, esses povos usavam de violência e seus ataques causaram destruição em muitas regiões da Europa. Os vikings que se estabeleceram na Inglaterra eram predominantemente provenientes da região hoje pertencente à Dinamarca e falavam Old Norse, ancestral do dinamarquês. Esses mais de 200 anos de presença de escandinavos na Inglaterra naturalmente exerceram influência sobre o Old English. Entretanto, devido à semelhança entre as duas línguas, torna-se difícil determinar esta influência com precisão.

OLD ENGLISH (500 - 1100 d.C.) Old English, às vezes também denominado Anglo-Saxon, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Para um falante nativo de inglês hoje, das 54 palavras do Pai Nosso em Old English, menos de 15% são reconhecíveis na escrita, e provavelmente nada seria reconhecido ao ser pronunciado. A correlação entre pronúncia e ortografia, entretanto, era muito mais próxima do que no inglês moderno. No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em Old English, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados.

A CONQUISTA DA INGLATERRA PELOS NORMANDOS NA BATALHA DE HASTINGS - a Batalha de Hastings em 1.066, foi um evento histórico de grande importância na história da Inglaterra. Representou não só uma drástica reorganização política, mas também alterou os rumos da língua inglesa, marcando o início de uma nova era. A batalha foi travada entre o exército normando, comandado por William, Duque da Normandia (norte da França), e o exército anglo-saxão liderado pelo Rei Harold Godwinson, em 14 de outubro de 1066. O predecessor de Harold havia tido fortes vínculos com a corte da Normandia e supostamente prometido o trono da Inglaterra para o Duque da Normandia. Após



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

sua morte, entretanto, o conselho do reino apontou Harold como sucessor, levando William a apelar para a guerra como forma de impor seus pretensos direitos. Veja como um artista do século 11 representou, em tapeçaria, a travessia do Canal da Mancha pelas tropas de William: A sangrenta batalha só terminou ao fim do dia, com o Rei Harold e seus dois irmãos mortos e um saldo de 1500 a 2000 guerreiros mortos do lado normando e outros tantos ou mais, do lado inglês. William havia conquistado em poucos dias uma vitória que romanos, saxões e dinamarqueses haviam lutado longa e duramente para alcançar. Ele havia conquistado um país de um milhão e meio de habitantes e provavelmente o mais rico da Europa, na época. Por esse feito ficou conhecido na história como William the Conqueror. O regime que se instaurou a partir da conquista foi caracterizado pela centralização, pela força, pelo fortalecimento do cristianismo e, naturalmente, pela língua dos conquistadores: o dialeto francês denominado Norman French. O próprio William I não falava inglês e, por ocasião de sua morte em 1087, não havia uma única região da Inglaterra que não fosse controlada por um normando. Seus sucessores, William II (1087-1100) e Henry I (1100-1135), passaram cerca de metade de seus reinados na França e provavelmente possuíam pouco conhecimento de inglês. Durante os 300 anos que se seguiram, principalmente nos 150 anos iniciais, a língua de prestígio, usada pela aristocracia na Inglaterra, foi o francês. Falar francês tornou-se então condição para aqueles de origem anglo-saxônica em busca de ascensão social através da simpatia e dos favores da classe dominante.

SCHÜTZ, Ricardo E. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-historia-da-lingua-inglesa.html>

Eis a importância de se compreender, ler, falar, ouvir, escrever, enfim – se comunicar neste importante idioma para os tempos atuais, sobretudo, a partir do advento da globalização com a tecnologia cada vez mais imprescindível, assim como, o adquirir conhecimento nesta língua universal e deste modo poder ser um instrumento a mais para obter conhecimentos na língua.

E, atualmente, a tecnologia vem ajudando com a conexão da internet nas redes sociais, favorecendo a aproximação do idioma através de falantes do mundo inteiro no idioma inglês.

A respeito das diferenças de pronúncias norte-americana e britânica, algumas a seguir:



Pronúncia britânica x norte-americana

Um exercício que pode ser feito com os estudantes é assistir um episódio de séries britânicas (*The Crown* ou *Downton Abbey*) e estadunidenses (*Friends*). Os estudantes vão perceber que, mesmo para quem tem o inglês básico, as diferenças de pronúncia são perceptíveis, sem contar o sotaque propriamente dito. O sotaque do inglês britânico é completamente diferente do norte-americano.

O “r” um tanto “enrolado” de boa parte dos norte-americanos, por exemplo, fugiu um pouco da pronúncia britânica. Essa característica foi chamada de “*rhoticity*” pelos linguistas e pode ser notada na distinção da pronúncia de palavras como “water” (“água”, em português) e “card” (“cartão”).

Outra distinção está na pronúncia do “a”. Vamos pegar a palavra “path” como exemplo: no inglês britânico, o “a” é pronunciado de modo que a boca se abre um pouco mais, enquanto no norte-americano, o “a” soa como uma espécie de “é”.

Palavras em inglês britânico x norte-americano

Caso um dia você viaje de trem para a Inglaterra, precisa saber que, por lá, metrô é “*underground*”, enquanto, nos Estados Unidos, utiliza-se a palavra “*subway*” ou “*metro*”. E se você quiser alugar um apartamento nas terras da rainha, é bom saber que no inglês britânico se utiliza a palavra “*flat*”, e no norte-americano, “*apartment*”.

Confira palavras diferentes entre o inglês britânico e americano:

Inglês britânico - inglês americano

Flat - *apartment*

Pub - *bar*

Sweets - *candy*

Rubber - *eraser*

Rubbish - *garbage*

Torch - *flashlight*

Trainers - *sneakers*

Essas são apenas algumas sugestões que podem ser ampliadas pelo professor.



Não se pode esquecer que outros países também utilizam a língua inglesa como idioma oficial e com variações linguísticas próprias de cada um deles. As considerações sobre os aspectos de variedades linguísticas e culturais, na língua inglesa, são encontradas na semântica, morfologia, fonologia, sintaxe e estilística, baseadas na cultura de cada povo que utiliza a língua. As mudanças sempre sucedem nas línguas e são contínuas. Jamais esquecer que sempre, por trás de cada língua, há muito conhecimento, por isso a cultura deve ser preservada através de vivências de quem presencia, estuda e observa os aspectos linguísticos e culturais do idioma.

Variação linguística na língua espanhola

Existem acentuadas diferenças linguísticas na Língua Espanhola, pois o idioma é falado em quase toda a América e na própria Espanha com outras línguas e com culturas que já existiam e que tanto contribuem para haver maneiras distintas de falar e escrever.

E para saber a respeito da origem, formação e história da Língua Espanhola, a pesquisa abaixo situa a compreensão do idioma em questão.

História da língua espanhola

ORÍGENES DEL CASTELLANO: EXPANSIÓN INTERNA Y EXTERNA. EL CONTACTO CON AMÉRICA

En sus orígenes, el castellano fue una más entre las múltiples variantes dialectales del latín, lengua importada, que hablaban ciertos habitantes de la Península Ibérica, y que por motivos políticos acabó siendo una entidad lingüística suficientemente



diferenciada.[...] La lengua de Roma solo se hablaba en la región del Latium, al lado de otras lenguas correspondientes a pueblos indoeuropeos [...]. Los romanos fueron, primero, conquistando los territorios vecinos para, más tarde, ir conquistando todo un imperio. Y, como siempre ocurre, la lengua fue fiel compañera del imperio, con lo cual el latín se fue extendiendo por una amplísima región donde hoy perduran las llamadas lenguas románicas, romances o neolatinas: portugués, español, gallego, catalán, francés, provenzal, retorromance, romanche o rético, italiano, rumano, sardo y dálmata (extinguida). [...]

Pero, antes de la llegada del latín a la Península, se hablaban otras lenguas pertenecientes a los pueblos que la habitaban o que la habían habitado [...] A partir de sucesivas ondas migratorias de diferentes pueblos germánicos van instalándose en la Península, hasta que los visigodos toman definitivamente el poder. [...]

LA EXPANSIÓN EXTERNA DEL CASTELLANO

El contacto con América

La llegada a las islas del Caribe de la expedición guiada por Cristóbal Colón en octubre de 1492, llevó a un conflicto múltiple desde el punto de vista lingüístico: – Entre las lenguas autóctonas y el castellano (español) – Entre los deseos de propagar el castellano y los de mantener a los indígenas en sus propias lenguas (motivos religiosos), si bien reducidas a aquellas que se consideraban generales: náhuatl, quechua, guaraní. – Entre las variadas formas de español que llegaron a América en virtud del habla de sus pobladores.[...]

De todo este complejo proceso encontramos importante información en los testimonios que nos legaron los Cronistas de Indias. Aquellos primeros colonizadores hallan ante sí un mundo nuevo, una nueva realidad. Ante la nova realia, Colón y el resto de los cronistas vive algo que no cabe en su imaginación y busca los recursos expresivos en lo consabido. Solo al final del proceso se captará la palabra indígena. [...]. La culminación de este proceso (ALVAR, 2000, p.20): “los españoles aindiaron su lengua”. Para llegar hasta este punto final, hubo de pasarse por diferentes fases. [...]lo que enriqueció el vocabulario con nuevas palabras por un lado y con la resignificación de otras. Se ha puesto el primer peldaño de lo que será la apasionante historia del Español en América.[...] Si nos situamos en el ámbito de la virtualidad, debemos hablar de la existencia de una sola lengua española, no de dos claramente diferenciadas, lo que no impide que seamos capaces de advertir no ya dos, sino innumerables variantes, que se hacen presentes en el acto comunicativo en función del hablante.



MIRANDA POZA, J. A. *Historia de la lengua española. Origen, expansión, diversidad.* (fragmentos). Texto completo disponível em: <http://institutohispanobrasileiro.com.br/15-de-julho-minicurso-com-jose-alberto-poza-ufpe/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

Mais informações acerca da História da língua espanhola:

O castelhano é uma língua românica cuja origem se encontra na evolução do latim vulgar, falado na península ibérica a partir do século III a.C. No entanto, conta com vestígios de línguas pré-romanas, faladas por povos que habitavam a península antes do processo de romanização: o chamado substrato ibero, celta, fenício, ligur. As línguas desses povos acabaram desaparecendo com sua incorporação à cultura latina, que se impôs como majoritária, com exceção do vasco, ou euskera, que manteve sua estrutura alheia ao processo de romanização. Algumas palavras que ficaram fossilizadas procedentes desses povos primitivos são: abedul, álamo, tarugo, barranco, braga, arroyo...

A maior parte da gramática, sintaxe e léxico da língua espanhola, procede do latim falado e, em menor medida, do latim culto. Poderíamos dizer que 'nossa' língua é quase em sua totalidade uma evolução ou, melhor, uma progressiva corrupção da língua latina. Do mesmo modo que outras línguas românicas esta corrupção deu lugar a diferentes variantes em diferentes regiões mais ou menos distantes da capital, Roma, e segundo a classificação clássica das línguas românicas, é uma língua do subdomínio ocidental, e junto com o catalão, o galego, o português, e o ocitano, entre outras, pertencem ao grupo das línguas ibero-românicas.

Na alta Idade Média, as invasões de povos germânicos: vândalos, suevos, alanos e visigodos, deixaram certas palavras residuais na língua espanhola, embora sua influência não tenha sido muito notória na evolução geral do idioma. [...]

Em 1492, os reis católicos decidem expulsar da península ibérica todos aqueles que não se convertam ao cristianismo: árabes, judeus e demais minorias étnicas, acabando assim com um período de coexistência cultural de quase 8 séculos. Em seu afã de unificar o território de seus respectivos reinos, que será a maior parte da península, decidem tomar uma série de medidas, entre as quais se encontra a unificação linguística, além da religiosa.

Assim, encomendam a primeira Gramática de la lengua Castellana a Antonio de Nebrija, que é considerada a primeira gramática da língua espanhola sistematizada e formal, em 1492. Nesta obra, tenta-se, pela primeira vez, unificar certos critérios linguísticos como as grafias, alguns aspectos gramaticais e fixar o significado das palavras.



Já no Século de Ouro, aparece a obra considerada o segundo marco na fixação normativa do castelhano: *El Tesoro de la Lengua Castellana*, de Sebastián Covarrubias.

O desenvolvimento da literatura espanhola do período do séculos de Ouro (períodos do Renascimento e Barroco) com autores tão importantes como San Juan de la Cruz, Fray Luis de León, Miguel de Cervantes, Lope de Vega, Luis de Góngora, Francisco de Quevedo e Calderón de la Barca, entre outros, contribui para a fixação das letras no chamado período clássico.

O espanhol moderno

A criação da RAE, Real Academia Espanhola da língua, em 1713, por Juan Manuel Fernández Pacheco, e posteriormente a publicação, por esta instituição, do *Diccionario de Autoridades* (1726-39), constitui o germe da gramática moderna da língua espanhola, sendo esta instituição, desde então, a mais importante na fixação das normas que devem reger a língua espanhola.

Atualmente a RAE é integrada por acadêmicos cuja nomeação tem um caráter honorífico, tratando-se das mais relevantes personalidades no mundo das letras hispânicas, por suas conquistas como literatos, pesquisadores, docentes, lexicógrafos e suas respectivas contribuições para a difusão cultural da língua espanhola.

Outra missão importante da RAE consiste em regular a incorporação de novos termos, como são os empréstimos de outras línguas, adaptando sua grafia e seu uso às regras do espanhol.

A RAE dispõe de uma página web, www.dle.rae.es, na qual podem realizar-se diversas consultas lexicais e gramaticais: o dicionário, o dicionário de dúvidas, o corpus CREA e outras.

Disponível em:

<http://www.tradutoradeespanhol.com.br/2015/10/historia-da-lingua-espanhola.html>

O estudo de uma língua estrangeira pode ser um momento propício para refletir acerca da nossa identidade a partir do estudo de textos que mostrem situações marcadas por afastamento ou aproximação com a cultura local. Nesse sentido,

O estudo do espanhol pode permitir, entre outras coisas, a superação de barreiras linguísticas [...]. Sendo assim, caberia indagar o que nós, brasileiros, temos em comum com os peruanos,



colombianos ou uruguaios, além da circunstância de vivermos num mesmo continente, e de descobrir nas semelhanças e igualmente nos contrastes um dado enriquecedor. (GOETTENAUER, 2005, p. 65)

Nessa perspectiva, o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira se tornaria uma oportunidade para refletir acerca da identidade através de textos que possibilitem vivenciar situações marcadas por afastamento ou aproximação com a cultura local. Nesse sentido, a abordagem de falsos cognatos, por exemplo, seria uma possibilidade para o estudante ampliar o repertório linguístico e cultural.

Orientações para realização de atividades

Investigar e analisar, por meio de diferentes gêneros textuais, a organização, o funcionamento e os efeitos de sentido, observando o contexto de produção e, por conseguinte, a variedade linguística usada. Para esta etapa, sugerimos o trabalho com tirinhas, notícias e reportagens veiculadas em diferentes mídias. Além disso, promover atividades que incentivem o levantamento e testagem de hipóteses relacionadas à diversidade linguística na língua-meta. Sugerimos que os resultados sejam apresentados de diferentes formas: murais, podcasts, seminários entre outros.



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Orientações para a Avaliação

Acompanhar o processo observando o empenho e o interesse dos estudantes, procurando promover situações-problema que instiguem mais do que análise e interpretação de dados, práticas transformadoras a partir da construção do conhecimento e ampliação do repertório linguístico e cultural.



4. Variedade linguística: formas e contextos

Nesta sessão, a proposta é ampliar o conhecimento acerca das variedades linguísticas, considerando suas diferentes formas e contextos de realização. Além de propiciar um momento de reflexão sobre os diferentes usos, pretende-se suscitar discussões e práticas educativas transformadoras, visando o reconhecimento das diferentes formas de expressão e o combate ao preconceito linguístico.

Por ser a linguagem, um ato comunicativo, com suas possibilidades apesar de seguir uma regra muitas vezes gramatical – para a produção dos enunciados não necessita seguir à risca tal regra – basta haver o entendimento de como é o comportamento linguístico e cultural de seus falantes nas reais necessidades comunicativas no momento da interação.

Tendo em vista que a língua é, retomando Bagno (2007, p. 36), “heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução”. E que, de acordo com o referido estudioso, “[...] o verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas” (BAGNO, 2007, p. 37), compreende-se a necessidade de promover nas aulas de língua estrangeira situações comunicativas e suas diferentes formas de uso.

Língua espanhola

No que diz respeito à diversidade linguística e cultural da língua espanhola no contexto americano, Moreno Fernández (pud ALBERTI, 2018, p. 43) apresenta no plano lexical, alguns “indigenismos” e “africanismos” na língua espanhola como “canaoa, colibri, pampa, [...] uso de americanismos generalizados: amarrar, enfadado, manzana [...] uso de africanismos generalizados: banana, cachimba, marimba [...]”(MORENO FERNÁNDEZ, 2010 apud ALBERTI, 2018, p. 43).



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

No âmbito lexical, encontramos nos estudos de Rojas Mayer (2000), mais exemplos de americanismos que ratificam a diversidade linguística e cultural da língua espanhola:

[...] denominaciones de los árboles y frutos autóctonos: mamey, guama, guayaba, guanábana; caoba, ceiba, guayacán y yuca, malanga, yautía. De animales, nombres como hicotéa, iguana, jutía. Los nombres de cosas y utensilios: bohío, batey, conuco, hamaca, y algunas formas derivadas de la ordenación social como cacique, bohiques. (ROJAS MAYER, 2000, p. 17;22).

Quanto às diferentes formas de uso de uma determinada palavra em língua espanhola, recomendamos a leitura do seguinte fragmento:

Na tentativa de mostrar uma pequena comparação das variantes peninsulares com as variantes da América, Moreno Fernández (2000) apresenta um outro quadro destacando as variantes lexicais usadas em seis cidades hispânicas para denominar realidades da vida cotidiana atual [...] Não utilizamos o quadro como o original, por tratar-se apenas de uma demonstração, dessa forma, somente utilizamos cinco das vinte e nove variantes recolhidas pelo autor.

Bogotá	Buenos Aires	Madrid	México	San Juan PR	Santiago Ch.
Bus	Colectivo	Autobús	Camión, Autobús	Guagua	Micro, Bus
Bolígrafo	Birome	Bolígrafo	Bolígrafo, Pluma	Bolígrafo, pluma	Lápiz pasta
Gafas	Anteojos, Lentes	Gafas	Lentes, Anteojos	Espejuelos	Anteojos, lentes
Cobija	Frazada, Manta	Manta	Cobija	Frisa	Frazada
Aretes	Aros	Pendientes	Aretes	Pantallas	Aros

Fonte: MORENO FERNÁNDEZ (2000, p. 47/Adaptado).

SILVA, Izabel da. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/issue/view/17>. Acesso em: 07 ago. 2022.



Língua Inglesa

Enquanto isso, no que diz respeito à diversidade linguística e cultural da língua inglesa no contexto mundial, a globalização seria uma das principais responsáveis pelo amplo acesso ao idioma. Segundo Martins (2016, p. 195), “no campo do ensino de idiomas, o interesse pelo seu aspecto político começou a surgir nos EUA e na Europa após o aparecimento da geopolítica em escala global e das mudanças demográficas e econômicas trazidas pela globalização”.

No entanto, vale destacar que o ensino de língua inglesa não pode se ater apenas às variantes norte-americana e inglesa. Além de uma vasta gama cultural, quando se promove essa visão macro, as variações também se transformam em grandes oportunidades de se vivenciar o idioma.

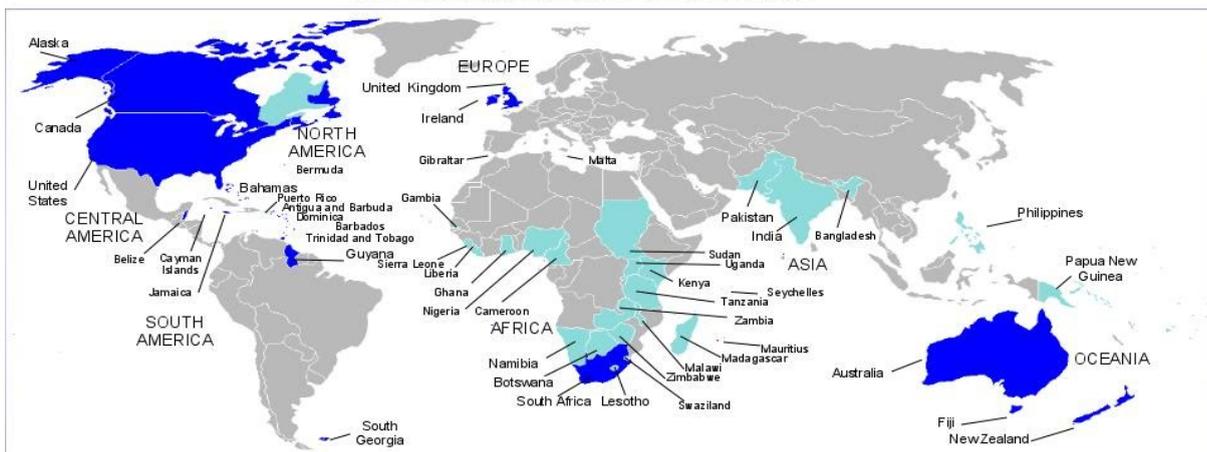
Messias (2015) apresenta tais dados:

O inglês é a língua oficial em mais de 55 países do mundo e de muitas organizações importantes como a ONU, OTAN, União Europeia e na área de esportes, como o Comitê Olímpico Internacional. É a primeira língua de quase 400 milhões de pessoas e segundo idioma para quase 1 bilhão de pessoas. (2015, p. 223)

O mapa abaixo nos ajuda a ter uma dimensão melhor sobre essa utilização do inglês:



MAPA DA LÍNGUA INGLESA NO MUNDO



Mapa que exibe os países onde a língua inglesa é falada.
■ Área em azul escuro indica ser o primeiro idioma.
■ Área em azul celeste indica ser a língua oficial, mas não é o primeiro idioma.

(fonte:<http://pt.wikipedia.org>)

Disponível em:

<http://ingles.ceseccaieiras.com.br/ingles---fundamental/Mdulo-I/mapa-da-lingua-inglesa-no-mundo>
o Acesso em 09/08/2022

A presença britânica global, consequência do Império Britânico e da *Commonwealth*, trouxe o inglês para muitos países, incluindo o Canadá, a Nova Zelândia, os Estados Unidos, a África do Sul, a Austrália, vários países da África, como Nigéria e a Índia. No entanto, é possível afirmar que a predominância continuada do inglês no mundo atual se deve amplamente à ascensão dos Estados Unidos como uma superpotência de língua inglesa após a Segunda Guerra Mundial.

(MARTINS, 2015, p. 225)

Em relação às variações da língua inglesa, além do britânico e norte-americano, é bom lembrar das outras variantes de inglês existentes, como o australiano, canadense e o sul-africano:

Messias (2015) fez o seguinte comparativo:



- **Inglês australiano** - devido às várias influências, o inglês australiano se diferencia das demais variantes do inglês na pronúncia, principalmente na pronúncia das vogais. No que diz respeito à ortografia, o inglês australiano é muito similar ao inglês britânico. A gramática do inglês australiano não é tão diferente do inglês britânico. Há sim diferenças em relação ao inglês americano, mas são as mesmas diferenças existentes entre o americano e o britânico: o uso do Present Perfect em algumas situações, o uso do artigo definido “the” em alguns casos, e outras nem tão grandes assim. Ou seja, as principais diferenças estão na pronúncia, no sotaque e no vocabulário.
- **Inglês canadense** - a pronúncia do idioma varia de região para região, principalmente por se tratar de um país bilíngue e de dimensões continentais. Os canadenses desenvolveram o seu inglês por meio de empréstimos de línguas indígenas e do francês, da ampliação e adaptação do significado de palavras inglesas tradicionais e da criação de novas palavras. Em geral, a diferença principal no Canadá está entre os falantes nativos do idioma inglês e dos francófonos, que possuem um sotaque muito mais carregado no idioma. O inglês canadense também é um tipo de mistura entre expressões americanas, a ortografia britânica e a pronúncia canadense.
- **Inglês sul-africano** - ao longo de sua história, essa variante sofreu fortes influências das línguas zulu e africâner. Uma palavra de origem africâner, que ganhou força no mundo inteiro e encontra-se na boca de qualquer falante de inglês em todas as partes do mundo é a palavra “trek” que significa “caminhar” ou ainda “caminhada” ou “jornada “. Essa palavra é geralmente usada na combinação “go trekking” [fazer trilha].

Abaixo, um quadro com um recorte de alguns exemplos de termos que variam entre os países que falam o mesmo idioma:



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

ESTADOS UNIDOS	AUSTRÁLIA	INGLATERRA
Cookie	Bickie	Biscuit
Parking lot	Car Park	Car Park
Sidewalk	Footpath	Pavement
Garbage bin	Trash can	Rubbish bin
Soccer	Football	Football

Disponível em:
<https://www.topwayschool.com/blog/conheca-as-diferencas-entre-o-ingles-americano-britanico-e-australiano> Acesso em 09/08/2022

Preconceito linguístico

Reiteramos que uma das propostas é possibilitar que as aulas de língua estrangeira, inglês ou espanhol, sejam um espaço de ampliação de conhecimentos não apenas linguísticos. Nessa perspectiva, a Unidade Curricular *Diversidade Linguística e Cultural* visa suscitar discussões que incentivem o exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos, da cooperação, bem como o reconhecimento, a valorização e o respeito aos diferentes contextos multi, pluri e interculturais, considerando que esta diversidade é produtora de culturas.

Diante disso, faz-se necessário conversar com os estudantes sobre o preconceito linguístico também na perspectiva das línguas estrangeiras. A seguir, um quadro com o conceito de Preconceito linguístico, elaborado por Marcos Bagno, e que também pode ser aplicado a qualquer idioma.



Preconceito linguístico

O termo preconceito designa uma atitude prévia que assumimos diante de uma pessoa (ou de um grupo social), antes de interagirmos com ela ou de conhecê-la, uma atitude que, embora individual, reflete as ideias que circulam na sociedade e na cultura em que vivemos. Assim como uma pessoa pode sofrer preconceito por ser mulher, pobre, negra, indígena, homossexual, nordestina, deficiente física, estrangeira etc., também pode receber avaliações negativas por causa da língua que fala ou do modo como fala sua língua.

O preconceito linguístico resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e nos dicionários e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si. Essa língua idealizada se inspira na literatura consagrada, nas opções subjetivas dos próprios gramáticos e dicionaristas, nas regras da gramática latina (que serviu durante séculos como modelo para a produção das gramáticas das línguas modernas) etc. No caso brasileiro, essa língua idealizada tem um componente a mais: o português europeu do século XIX. Tudo isso torna simplesmente impossível que alguém escreva e, principalmente, fale segundo essas regras normativas, porque elas descrevem e, sobretudo, prescrevem uma língua artificial, ultrapassada, que não reflete os usos reais de nenhuma comunidade atual falante de português, nem no Brasil, nem em Portugal, nem em qualquer outro lugar do mundo onde a língua é falada.

Mas a principal fonte de preconceito linguístico, no Brasil, está na comparação que as pessoas da classe média urbana das regiões mais desenvolvidas fazem entre seu modo de falar e o modo de falar dos indivíduos de outras classes sociais e das outras regiões. Esse preconceito se vale de dois rótulos: o “errado” e o “feio” que, mesmo sem nenhum fundamento real, já se solidificaram como estereótipos. Quando analisado de perto, o preconceito linguístico deixa claro que o que está em jogo não é a língua, pois o modo de falar é apenas um pretexto para discriminar um indivíduo ou um grupo social por suas características socioculturais e socioeconômicas: gênero, raça, classe social, grau de instrução, nível de renda etc.

A instituição escolar tem sido há séculos a principal agência de manutenção e difusão do preconceito linguístico e de outras formas de discriminação. Uma formação docente adequada, com base nos avanços das ciências da linguagem e com vistas à criação de uma sociedade democrática e igualitária, é um passo importante na crítica e na desconstrução desse círculo vicioso.

Autor: [Marcos Bagno](#), Universidade de Brasília-UnB. Disponível em:
<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>



Orientações para realização de atividades

Investigar e analisar, por meio de diferentes gêneros textuais, a organização, o funcionamento e os efeitos de sentido, observando as diferentes formas de expressão, considerando a variedade linguística estudada. Para esta etapa, sugerimos o trabalho com diferentes gêneros discursivos: tirinhas, músicas, contos etc. Sugerimos que os resultados sejam apresentados de diferentes formas: murais, podcasts, seminários entre outros.

Orientações para a Avaliação

Acompanhar o processo observando o empenho e o interesse dos estudantes, procurando promover situações-problema que instiguem mais do que análise e interpretação de dados, como práticas transformadoras a partir da construção do conhecimento e ampliação do repertório linguístico e cultural com o intuito de combater o preconceito linguístico e, assim, reconhecer a diversidade como traço fundamental das práticas culturais.



5. Referências bibliográficas

ALBERTI, Regiane de Fátima Siqueira. **A variação linguística no ensino do espanhol como língua estrangeira moderna: um estudo de caso na cidade de Ponta Grossa**. 2018. Disponível em:

<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2697/1/Regiane%20de%20Fatima.pdf> Acesso em 04/08/2022

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Preconceito linguístico. In: **Glossário Ceale**. Disponível em:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>.

Acesso em 09/08/2022

BRAWERMAN-ALBINI, Andressa; MEDEIROS, Valéria da Silva (Orgs).

Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira. Campinas: Pontes, 2013.

COELHO, Lidiane Pereira. MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. In: **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24 - 34, jan./jul. 2013. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/975/516>

Acesso em 05/08/2022.

GOETTENAUER, Elzimar Costa. Espanhol: língua de encontros. In: SEDYCIAS, J. (Org). **O ensino do espanhol no Brasil**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, 61-70.

LAGO, Angela Luiza; LOPES, Rosani Mary; e PALLU, Patrícia Helena Rubens. A interculturalidade na disciplina de língua inglesa no ensino fundamental II. In:

Memorial TCC – Caderno da Graduação – 2017. Disponível em:

<https://memorialtcccadernograduacao.fae.edu/cadernotcc/article/view/207>

Acesso em 04/08/2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In:

DIONÍSIO, Angela Paiva *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTINS, Tainá Almeida Alves. Cultura e ensino crítico de língua inglesa como língua internacional. In: **Revista Estudos Linguísticos e Literários**. N° 44, jul-dez | 2016, Salvador: pp. 182-205.



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

MESSIAS, Cinthia Maria da Fontoura. Um Estudo Sobre A Variação Linguística Em Língua Inglesa. *In: Revista Claraboia*, Jacarezinho, n.2/2, p. 217-233, jul./dez., 2015.

MIRANDA POZA, J. A. **Historia de la lengua española**. Origen, expansión, diversidad. Disponível em:
<http://institutohispanobrasileiro.com.br/15-de-julho-minicurso-com-jose-alberto-p-za-ufpe/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

PERNAMBUCO. **Secretaria de Educação e Esportes Currículo de Pernambuco: ensino médio**. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação ; coordenação Ana Coelho Vieira Selva, Sônia Regina Diógenes Tenório ; apresentação Marcelo Andrade Bezerra Barros, Natanael José da Silva. – Recife : A Secretaria, 2021.

REPETTO, Maxim. O conceito de interculturalidade: trajetórias e conflitos desde América Latina. *In: Revista Textos e Debates*. 2 n. 33 (2019) Disponível em:
<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/5986/pdf> Acesso em 03/08/2022.

ROJAS MAYER, Elena M. **La variación lexico-semantica del español y la conveniencia de su contextualización en la enseñanza a extranjeros**. Disponível em:
https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/11/11_0015.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.

SILVA, Izabel da. [A abordagem da variação lexical do espanhol na fronteira de Foz do Iguaçu – PR](#). *Revista Sures*. n. 3, 2014. Disponível em:
<https://revistas.unila.edu.br/sures/issue/view/17>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SCHÜTZ, Ricardo. **Diferenças entre Inglês norte-americano e britânico (vocabulário e ortografia)**. 2017. Disponível em:
<https://www.sk.com.br/sk-usxuk.html#:~:text=As%20diferen%C3%A7as%20entre%20o%20British,mais%20complexa%20do%20que%20parece>. Acesso em 04/08/2022

_____. **História da Língua Inglesa**. 2020. Disponível em:
<https://www.sk.com.br/sk-historia-da-lingua-inglesa.html> Acesso em 05/08/2022

Trilha identidades e expressividades. Disponível em:
<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=18&art=5428>. Aesso em: 07 ago. 2022.



**SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO E ESPORTES**

**SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO**

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2002.

Disponível em

<https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf> Acesso em

03/08/2022.